

A HISTÓRIA EM QUADRINHOS COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA

Marcos César de Oliveira Pinheiro¹
Universidade do Estado do Amazonas (UEA)
mcp.tec@uea.edu.br

RESUMO

Este Artigo discute a utilização das histórias em quadrinhos como ferramenta de suporte pedagógico. Desta forma, visa-se contribuir para a evolução e diversificação dos recursos utilizados no processo ensino-aprendizagem e suscitar o debate sobre a utilização dos meios de comunicação de massa - tão presentes na vida moderna - como instrumentos de apoio ao trabalho do professor.

Palavras-chave: história em quadrinhos. processo ensino-aprendizagem. professor.

ABSTRACT

This article discusses the use of the comics as set of pedagogical support. This way, we've to contribute to the development and diversification in the resources used in the process teach-learn and shows the speech about the use of the means of communication in whole - so real in modern life - as sets of support to the teacher's job.

Key-words: history-board. process teach-learn. teacher

¹Tecnólogo em Criação e Produção Publicitária e Especialista em Informática na Educação pelo IFAM; acadêmico dos cursos de Licenciatura em Informática da UEA e Jornalismo na UFAM.

INTRODUÇÃO

Vivemos hoje no que se convencionou chamar de “Sociedade da Imagem” (Fecé), uma época na qual os meios de comunicação de massa tornaram-se os grandes preceptores da população e as janelas pelas quais vemos e entendemos o mundo. Nessa sociedade os meios de comunicação, baseados no uso da imagem para transmitir informações, têm logrado sucesso e alcance incomparáveis. Esse panorama criou uma sociedade acostumada a leitura do mundo pela apelo visual, numa espécie de retorno ao período pré-escrita com notável prevalência do visual sobre o escrito. A imprensa, principalmente, tem sido agente ativo nesse processo buscando sempre que possível “mostrar os fatos” para que possa o espectador acompanhar e “participar” dos acontecimentos.

Essa mudança, entretanto, não se constituiu num mal em si mesmo, apenas reconduz o homem a uma forma de interação que havia se perdido no curso do tempo. Retornamos todos, enquanto sociedade ao estado de aldeia, mas não uma aldeia local e sim uma “Aldeia Global” em que todos podem saber do que acontece em tempo real. O uso da imagem torna-se assim condição essencial ao diálogo com o homem pós-moderno, leitor do mundo através dos meios de comunicação de massa.

“Os meios de comunicação de massa desempenham um papel fundamental na formação do jovem de nossos dias, exposto tanto aos seus aspectos positivos, quanto aos negativos. A escola não pode prescindir da colaboração desses meios de comunicação de massa, trazendo para a sala de aula o cinema, o rádio, a televisão, o jornal e os quadrinhos.” (P. M. Alves, 1996, p. 7)

Abordaremos o uso da história em quadrinhos como suporte às atividades educacionais, movidos pela necessidade de inovação nos métodos pedagógicos, com vistas a adequar o *Modus Operandi* de se transmitir conhecimentos

ao perfil das gerações pós-modernas sempre em busca de utilizar o próprio universo de interesses da criança como aliado do processo ensino-aprendizagem.

A criança interessa-se pelas histórias em quadrinhos mais que por outras formas textuais, pois ela está mais próxima do universo da criança. Como nos ensina Claparède (Psicologia da Criança e Pedagogia experimental), adultos e crianças diferem nos processos utilizados para o exercício de suas funções vitais e não nas funções em si. Portanto, é diferente o adulto da criança tanto sob o aspecto psicológico quanto biológico. “Em consequência de tal princípio, apresenta, a natureza infantil, um quadro próprio de interesses, o que explica, entre outras coisas, a natural predileção que a criança manifesta pelas histórias em quadrinhos, revelando uma necessidade que, deste modo, encontra sua satisfação” (Abrahão, 1977, p. 140).

Para Claparède uma forma de avaliar as necessidades humanas está em se observar quais são os seus interesses, pois todo interesse revela uma necessidade que precisa ser satisfeita. A criança, na sua condição de ser ainda imaturo, tem necessidade de crescimento físico e mental. Consequência desse fato é o grande interesse que as crianças nutrem pelas histórias em geral, que fixam sua atenção e ampliam o seu conhecimento.

Abordando essa questão interroga nos Abrahão (Op. Cit., p. 148): “qual seria, em particular a causa de sua preferência [das crianças] pelas histórias em quadrinhos?” e ele mesmo responde (*idem*):

“O segredo dessa inequívoca predileção tem fundamento na própria dinâmica psicológica da criança, dada a natureza de seus interesses e a modalidade da sua percepção (sincrética). O motivo do interesse genérico das crianças pelas histórias e contos é, pois, a necessidade de crescimento mental. E o motivo particular de seu interesse maior pelas histórias em quadrinhos está nos incentivos que esse tipo de literatura traz à mente infantil atendendo a sua natureza e às suas necessidades específicas”.

E o autor continuando sua argumentação cita: (Op. Cit., p. 164):

“[...] A literatura em quadrinhos agrada tanto à criança porque constitui um sistema que corresponde rigorosamente à sua natureza profunda, atende às suas necessidades orgânicas e aos seus interesses naturais. Daí a transformá-la num poderoso instrumento de educação, vai apenas um passo.

Na realidade, toda literatura infantil, como qualquer jogo, físico ou mental, constitui para a criança uma prática estimuladora do crescimento, um exercício útil para o desenvolvimento de suas aptidões e habilidades: a literatura em quadrinhos, entretanto, no que se concerne ao crescimento mental, é exercício mais funcional do que os outros, mais orgânico e natural, mais científico mesmo...”.

Fato indiscutível é que mais eficiente é o método de ensinar que utiliza o próprio interesse da criança, pois este favorece sobremaneira o aprendizado. Tornando-o uma atividade leve e prazerosa.

“A secular advertência de Rousseau, de que o educador deve conhecer a criança, é sempre nova e oportuna; constitui mesmo uma diretriz para a nova pedagogia.

As normas pedagógicas atuais sugerem respeito à natureza psicológica da criança, e amplamente utilizam as suas energias, numa canalização de seus desejos e interesses, sem violentar nem reprimir os seus impulsos naturais.

De modo geral, qualquer atividade humana, quando satisfaz a uma necessidade, apóia-se num estado de profunda motivação, que equivale à preparação ou prontidão, do organismo, para agir.

Entre as necessidades da criança, destaca-se, como fundamental, a de crescimento – dos padrões físicos e mentais. E um dos recursos mais poderosos para ativar o desenvolvimento psicológico da criança, se encontrar, por certo, nos contos e historietas, capazes de seduzir profundamente a imaginação infantil.

Por outro lado, o desenho, apresentado iso-

ladamente ou como elemento de ilustração, constitui técnica notável para despertar o interesse da criança (Abrahão, 1977, p. 141)”.

Essa apropriação do interesse da criança pela educação só tende a elevar a resposta positiva do educando para o conjunto de conteúdos que lhe devem ser passados para sua formação. Testes psicológicos realizados com crianças mostraram que a apreensão de informações quando transformadas em história em quadrinhos era realizada em tempo muito pequeno (Klawns e Cohen, 1977, p. 113).

Ora, não se pode deixar de atentar para outro aspecto essencial das histórias em quadrinhos: seu caráter lúdico. Essa característica, de ser literatura e jogo, faz delas uma forma não só de ensinar, mas também de criar associações positivas para a experiência de aprender. Para a criança será sempre mais proveitoso o conhecimento que adquire sem imposição e de forma alegre e prazerosa. Assim nos esclarece Moya (in P. M. Alves, 1996, p. 15): “Todo trabalho infantil que não se revista da forma de jogo, de atividade lúdica, incide em numerosos inconvenientes, tais como: gasto excessivo de energia, perda inútil de tempo, integração mental fraca e incompleta, aquisição de atitudes negativas, num atentado contra o rendimento e eficiência do aprendizado”.

A História em Quadrinhos, ao contrário de outras formas textuais, faz parte da vida das crianças, está presente nas suas conversas e no seu imaginário. Os grandes personagens de seu universo mítico são os mesmos heróis das histórias em quadrinhos que lêem. Por isso, não é estranho para a criança as narrativas em quadrinhos, pois já as conhece. Aproveitar essa familiaridade é essencial para a escola, pois facilita o diálogo, pelo aproveitamento da experiência extra-escolar do aluno (Art. 3º, X, LDB). Essa experiência extra-escolar constitui aquilo que Abrahão cita como aprendizado concomitante ou incidental, em oposição ao aprendizado direto ou central, que é aquele se adquire na escola formal.

“Nesse sentido, a literatura em quadrinhos, como veículo de aprendizagem para as crianças, não só é capaz de atingir uma finalidade instrutiva (ensino direto ou central), pela apresentação dos mais diversos assuntos ou noções. Mais do que isto, e principalmente, consegue preencher uma finalidade educativa (ensino concomitante), por um desenvolvimento, que produz, de ordem psico-pedagógica, isto é, dos processos mentais e do interesse pela leitura (Abraão, 1977, p. 147)”.

Essa criança que hoje vai à escola está familiarizada com o mundo da comunicação de massa, já aprende nele todos os dias. Qualquer um de nós está profundamente inserido e interligado a este mundo. Quando assistimos a um filme ou similar vivenciamos a experiência das personagens, identificamo-nos com os heróis e torcemos por eles, pois nosso senso de justiça nos faz simpatizar com suas causas. A esse processo chamamos “Identificação Projetiva”. Ele também ocorre nos quadrinhos.

“A função de tal processo em educação se torna evidente. Talvez seja o processo educativo que mais profundamente atinja o ser humano. Na vida familiar, o fundamental no processo educativo é a identificação projetiva dos filhos em relação aos pais, com a introjeção destas imagens e a cunhagem inconsciente de inúmeros estereótipos de comportamento ou critérios de valores”. (Gaudêncio, 1977, p. 123)

A quadrinização da história de um povo, por exemplo, dará à suas crianças a oportunidade de se identificarem com os heróis de sua gente, e aprender a admirar os grandes feitos dos seus antepassados. E para tal não será preciso o emprego de muitos recursos técnicos como ocorre com o cinema e a televisão. Qualquer um em qualquer lugar pode com uma história em quadrinhos na mão “desligar-se” do ambiente e passar a viver a história que lê. Além disso, o custo de confecção de uma história em quadrinhos é infinitamente menor que a produ-

ção de um filme ou vídeo e, para a educação há a vantagem de ela ter nas crianças o seu público principal.

Outra característica positiva das histórias em quadrinhos é a utilização conjunta de textos e de imagens, que se completam e interagem para dar maior poder comunicativo a mensagem. Através da imagem, as palavras têm seu sentido ampliado ou especificado, essa possibilidade torna o meio mais produtivo à compreensão da criança, haja visto que ela ainda vive no universo do que é concreto, e seus padrões mentais ainda não estão totalmente desenvolvidos para compreender o mundo pela abstração.

O processo de associação de imagem e palavras torna o processo de comunicação mais eficiente, pois solicita do leitor maior interação com o texto. A experiência que conjuga, sinesteticamente, vários sentidos tem maior chances de fixar na memória. Além disso, amplia a compreensão da criança, pois dá suporte ao entendimento dos conceitos pela utilização da imagem como “âncora” do processo de comunicação. Como afirma Santos (2003) “[...] A união de texto e desenho consegue tornar mais claros, para a criança, conceitos que continuariam abstratos se confinados unicamente à palavra...”. Para a criança, ainda carente de mecanismos para entendimento da abstração plenamente desenvolvidos, a imagem funciona como suporte da compreensão, indicando e ampliando o sentido das palavras e contextualizando as falas das personagens. “Incontestavelmente, porém, a associação do texto e da ilustração, conjugando duas formas sugestivas de expressão, revela-se de especial importância para a compreensão dos pequenos leitores (Abraão, 1977, p. 141)”.

“A imagem deve ser vista como parte integrante do processo de significação, pois ela auxilia o aluno a compreender o texto, pois a criança não lê apenas as palavras em um livro, mas “lê”, ou atribui sentido, também considerando as ilustrações, bem como o contexto social em que a leitura se dá.

Por estes motivos, a utilização de histórias em

quadrinhos em sala de aula pode proporcionar, além de facilidades de compreensão de conteúdos, o desenvolvimento da criatividade por parte dos alunos, pois as apresentações em figuras são mais interativas, levando a um melhor desempenho da memória (Frizzo e Bernardi, 2001)”.

A compreensão dos conceitos abstratos é uma habilidade que a criança desenvolve somente ao fim da infância e, mesmo na adolescência ela ainda está em formação (Vale). O universo da criança ainda é concreto, ela precisa de suportes à compreensão, tanto pela característica de suas estruturas mentais, ainda em desenvolvimento, quanto a restrita quantidade de referências que possui devido à sua pouca vivência. Por isso, a imagem, que ilustra um texto, é tão essencial e importante para a facilitar o entendimento da criança.

Além disso, a narrativa transformada em quadrinhos torna o fato narrado mais vivo e interessante, atraindo a atenção da criança. Como observa Abrahão (1977, p. 141) “O processo intuitivo de percepção, que se desenvolve pelo contato direto do sujeito com o objeto concreto, evidencia mais vivamente a situação ou realidade pela apreensão maciça de sua estrutura global”. A visão do fato, diretamente ou pela sua representação iconográfica, fotográfica ou pictórica, fornece muito mais elementos de compreensão para o cérebro. Por isso, toda obra didática utiliza vasto material visual na forma de imagens, desenhos, fotos, gráficos etc.

Esta deve, inclusive, ser a ordem natural das coisas, pois o predomínio da leitura tem diminuído a importância das outras formas de percepção da realidade e os homens têm menosprezado o conhecimento que se processa de outras formas que não a leitura da palavra impressa. Desaprendemos a ver na medida em que aprendemos a ler, mas não podemos confiar somente à leitura a aquisição de todo o arcabouço de cultura que devemos acumular durante a vida. Devemos também aprender a olhar o mundo, compreendê-lo em suas múltiplas di-

mensões pelo uso das muitas possibilidades dos nossos sentidos, como aconselha Gaiarsa (1977, p. 119): “Vamos Aprender a ver nas histórias em quadrinhos como é o mundo; as miniaturas desenhadas ou fotografadas são muito mais semelhantes às coisas do que as palavras. São mais curtas e mais claras”.

E, mesmo dada a sua característica de texto ilustrado a História em Quadrinhos também incentiva a formação de novos leitores, haja vista a sua capacidade de prender a atenção das crianças numa atividade prazerosa e lúdica que naturalmente levará o pequeno leitor a tornar-se apaixonado pela leitura em todas as suas formas.

“A leitura de histórias em quadrinhos pode contribuir para a formação do “gosto pela leitura” porque ao ler histórias em quadrinhos a criança envolve-se numa atividade solitária e não movimentada por determinado período de tempo, que são características pouco frequentes nas atividades de crianças pré-escolares ou no início da escolarização. Também porque, estando mais próximas da forma de raciocinar destas crianças, elas podem mais facilmente lê-las, no sentido de retirar delas significados, o que seria menos provável com outros tipos de leitura. Além disso, pode-se esperar que uma criança para quem a leitura tenha se tornado uma atividade espontânea e divertida, esteja mais motivada a explorar outros tipos de textos (com poucas ilustrações), do que uma outra criança para quem esta atividade tenha sido imposta e se tornado enfadonha (J. M. Alves, 2001)”.

E, para os que criticam as Histórias em Quadrinhos dizendo que elas causam preguiça mental, listamos uma pequena galeria de ilustres criadores e artistas que declaradamente são apaixonados por quadrinhos, gente do quilate de Jô Soares, Ziraldo, Joaquim Marinho, Picasso, Alain Resnais e outros tantos que começaram na leitura de quadrinhos e seguiram lendo pela vida. Ziraldo, entrevistado em Manaus, dá o seguinte depoimento: “Todo sujeito que foi lei-

tor de H.Q. virou excepcional leitor depois de adulto. Todos os leitores de H.Q. da minha infância são pessoas que lêem até hoje com muita felicidade e com muito prazer”.

“A teoria correta, ou como diz Moya”, a única verdadeira”, é que a leitura das histórias em quadrinhos é o meio mais pedagógico e eficaz para despertar nas crianças o amor à leitura. sem atitudes negativas, que forcem a criança a desenvolver atividades que não são de seu interesse, exigindo uma dupla carga de energia, pois o trabalho contrariado implica num gasto adicional, relativo aos mecanismos de defesa. O interesse pela leitura vai-se fazendo cada vez mais sólido, ao passo que a inteligência do leitor vai amadurecendo, através de livros cada vez mais sérios, numa graduação natural, que acompanha as diversas fases do crescimento infantil (P. M. Alves, op. Cit, p. 15)”.

Além da leitura de livros, a leitura de H.Q.s também ajuda a criança a exercitar a leitura de outras linguagens com as quais convive. À semelhança dos quadrinhos, a comunicação no mundo moderno se processa cada dia mais pela mediação da imagem numa grande experiência sinestésica de apreensão da realidade. Ler quadrinhos ajudará a criança a compreender também a dimensão de outras linguagens de base imagética. O uso de várias linguagens diferentes nas Histórias em Quadrinhos permite às crianças apreciar uma multiplicidade de estímulos e percepções, preparando-a para compreender a leitura do mundo sob vários aspectos, desde a leitura literária e textual até a compreensão estética e plástica do mundo.

O uso histórias em quadrinhos como ferramenta pedagógica é um meio pelo qual podemos canalizar os interesses próprios da criança para transmitir-lhes conteúdos úteis à sua formação, favorecendo a compreensão do mundo, dos meios de comunicação da modernidade, das formas de expressão literária e gráfica e contribuindo para criar uma geração de cidadãos apaixonados pela prática da leitura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHÃO, A. *Pedagogia e Quadrinhos. Em: Álvaro de Moya. Shazam!.* Coleção Debates. Editora Perspectivas. 2ª Ed. São Paulo: 1977.

ALVES, José Moysés. *Histórias em quadrinhos e educação infantil. Psicol. cienc. prof.*, set. 2001, vol.21, no.3 , p.2-9. ISSN 1414-9893.

ALVES, Patrícia Marinho. *História em Quadrinhos É Coisa Séria.* Editora da Universidade do Amazonas. Manaus-AM: 1996.

CARUSO, Francisco; Carvalho, Mirian de; SILVEIRA, Maria Cristina. *UMA PROPOSTA DE ENSINO E DIVULGAÇÃO DE CIÊNCIAS ATRAVÉS DOS QUADRINHOS.* CPFBindex, on-line, 2002. Disponível em: http://cbpfindex.cbpf.br/publication_pdfs/cs00802.2006_12_08_10_29_32.pdf. Acessado em 20/12/2006.

FECÉ, José Luis. *Do realismo à visibilidade. Efeitos de realidade e ficção na representação audiovisual.* Revista Contracampo - n.2, on-line, Disponível em: <http://www.uff.br/mestcii/fece.htm> Consultado em 12/01/2007. ISSN:1414-7483.

FOGAÇA, Adriana Galvão. *A Contribuição das Histórias em Quadrinhos na Formação de Leitores Competentes.* Revista do PEC (Programa de Educação Corporativa), on-line, jul. 2002 - jul. 2003. Disponível em: http://www.bomjesus.br/publicacoes/pdf/revista_PEC_2003/2003_contribuicao_hist_quadrinhos.pdf. Consulta em 10/01/2007.

FRIZZO, B.; BERNARDI, G. *Gibiquê - Sistema para Criação de Histórias em Quadrinhos.* Centro Universitário Franciscano, Trabalho Final de Graduação II. Santa Maria, novembro de 2001.

GAIARSA, José de A. *Desde a Pré-história até McLuhan.* Em: Álvaro de Moya. Shazam!. Co-

leção Debates. Editora Perspectivas. 2ª Ed. São Paulo: 1977.

GAUDÊNCIO, Paulo. *Elementar, meu caro Freud*. Em: Álvaro de Moya. Shazam!. Coleção Debates. Editora Perspectivas. 2ª Ed. São Paulo: 1977.

KLAWA, Laonte; COHEN, Haron. *Os Quadrinhos e a Comunicação de Massa*. Em: Álvaro de Moya. Shazam!. Coleção Debates. Editora Perspectivas. 2ª Ed. São Paulo: 1977.

MISKULIN, Rosana Giaretta Sguerra; AMORIM, Joni de Almeida; SILVA, Mariana da Rocha Corrêa. *HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA APRENDIZAGEM DE MATEMÁTICA*. IX Encontro Gaúcho de Educação Matemática, on-line. Disponível em: <http://ccet.ucs.br/eventos/outros/egem/cientificos/cc45.pdf>. Acessado em 20/12/2006.

SANTOS, R.E. *A história em quadrinhos na sala de aula*. Anais do 26. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belo Horizonte - MG, setembro de 2003. São Paulo: Intercom, 2003. Disponível em: http://repositorio.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/4905/1/NP11SANTOS_ROBERTO.pdf. Consulta em 26/12/2006.

VALE, Ana Cristina Rodrigues. *Jogando com Vygotsky: Uma avaliação do Processo de Desenvolvimento da Formação de Conceitos*. on-line, Disponível em: <http://www.ines.org.br/paginas/revista/Jogando%20com%20Vygotsky.htm> Consultado em 20/12/2006.